

O MONÓLOGO DA TRADIÇÃO: O PROJETO HISTORIOGRÁFICO DE JOSÉ ADERALDO CASTELLO¹⁷

Daniel Baz dos Santos

1 – Breve introdução a alguns conceitos

Para entender o projeto *A literatura brasileira: origens e unidade*, de José Aderaldo Castello, é necessário entender primeiro uma série de conceitos, os quais são fundamentais para a compreensão de sua concepção de literatura e história literária brasileira. A começar pela maneira como o autor interpreta os processos de formação de nossa literatura, o que considera os afluentes imanentes e transcendentais do sistema literário estudado. Para interpretar esses processos, o historiador introduz os termos *Influxo externo/influxo interno*, responsáveis por definir as confluências que ajudaram a moldar as diversas fases da literatura brasileira. De acordo com Castello, a auto-identificação dessa literatura se estabelecerá na relação homem/terra, com a presença constante da atividade do colonizador. É assim que o historiador tenta balizar a tão caalejada discussão sobre a consolidação de uma literatura independente da européia. Para ele, três são os momentos principais da formação de nossa literatura: Barroco, Romantismo e Modernismo; pois esses são os períodos em que a relação entre a produção artística e sua intensa vinculação geográfica definirá uma literatura tipicamente nacional, proveniente de todas as regiões do país e capaz de representá-lo integralmente.

Para isso, o historiador insere uma série de conceitos que demonstram como a paisagem brasileira foi aos poucos deixando de ser pano de fundo, para efetivamente interferir esteticamente no que seria um estilo literário nacional. Na verdade, o termo “insere” aqui foi usado erroneamente já que o que Castello realmente faz é reformular termos já consagrados em nossa tradição historiográfica. Nativismo, indigenismo/indianismo, nacionalismo, estão entre os principais.

O historiador sustenta que a literatura brasileira começou ainda no século XVI, com o Barroco e, nele, reconheceu uma linguagem legítima que foi assimilada em função de nosso temperamento, nossa psicologia e nossa paisagem. Dessa forma, haveria muito mais elementos em comum entre Barroco e Romantismo do que geralmente supõe nossa vã historiografia. Ou seja, haveria entre eles uma constante identitária só apresentada por autores em contato ou provenientes das terras tupiniquins. Nesse sentido, é o binômio “Unidade” e “Identidade” que assegura a coerência do modelo de Castello. Os dois conceitos revelam-se a constante que resolve o problema da relação e transição entre um texto e outro considerado por U. Japp, o problema central dos trabalhos historiográficos (SCHMIDT: 1996: p. 104). Ambas as categorias são também responsáveis por sustentar o fluxo do texto num modelo que Schmidt denomina de “síndrome de agente texto-contexto”. Ou seja, o que dá caráter sistêmico e relacional ao objeto literário autônomo, que jamais deve ser interpretado isoladamente, mas sim através das relações sociais e intersubjetivas que proporciona através dos tempos.

¹⁷ Trabalho vinculado ao projeto de pesquisa “A escrita da história da literatura brasileira hoje: novos caminhos e estratégias”, de responsabilidade do Prof. Dr. Carlos Alexandre Baumgarten.

Esse é um ponto que deve ser mais minuciosamente analisado. Ocorre que Castello segue um padrão já bastante caejado de abordagem literária que presa por um modelo abstrato que garanta coerência a sua narrativa (o que remete à *dianóia* de Platão, ou mesmo, na mesma esteira, a concepção de totalidade hegeliana). Desde os primórdios, nossa historiografia (cujo cordão umbilical alimentava o movimento político de independência, nacionalista e ufanista) organizou uma série de figuras discursivas que servissem como organizadoras da plurilvalência dos textos publicados em solo nacional. A famosa fórmula de Ricouer da “concordância do discordante” – fórmula necessária a toda narrativa que se queira inteligível – acomodou-se numa série de tropos que primavam pela manifestação de uma identidade nacional unitária. Inocência associada a primitivismo, terra fértil, gosto pela improvisação, otimismo, foram alguns dos lugares comuns desse longo projeto.¹⁸

Além disso, Castello parte do método comparativo para interpretar nossa literatura em todos os seus níveis. Nessa perspectiva, o autor considera a literatura portuguesa num primeiro momento como o grande modelo (seja por concordância ou discrepância) de nossos autores, que em seguida dialogarão com outros projetos literários internacionais.¹⁹ Dessa forma, os métodos da Literatura Comparada como forma de investigação de nossa literatura são uma constante nas análises do historiador e são os responsáveis pelas primeiras reflexões acerca dos *influxos externos*, isto é, a marca colonial no berço de nosso cânone. Segundo suas próprias palavras: *Reinsistimos, contudo, que é o pivô, isto é, a geratriz portuguesa, que possibilita a versão de conjunto e de unidade, a qual de outra maneira seria seccionada ou intermitente, fraccionada.* (CASTELLO: 1999: p. 75).

Nesse sentido, para sempre no horizonte das interpretações de Castello as confluências estrangeiras, seja devido a determinantes políticos (principalmente no período colonial), seja nos moldes estilísticos como a escrita dos românticos que, segundo o historiador, é realizada *formalmente presa ao modelo europeu* (CASTELLO: 1999: p.75).

2 – O centauro de Castello: estilo que faz história.

Segundo Peter Gay, *o estilo é um centauro [...] É forma e conteúdo, entrelaçados para formar a tessitura de toda arte e todo ofício – e também a história* (GAY, 1990, p.17). As assertivas constam do trabalho *O estilo na história* onde Gay nos orienta a averiguar minuciosamente as escolhas estilísticas de um historiador para melhor trabalharmos com os conceitos formais e ideológicos por ele articulados. De acordo com o teórico alemão, o manejo da frase, o uso de certos recursos retóricos, o caráter irônico, cômico ou dramático presentes em um texto, permitem o acesso tanto *ao mundo psicológico privado do escritor* (GAY, 1990, p. 26), como também ao universo social do qual provém os determinantes expressivos conjugados no seu discurso. *Deslindar o estilo é, pois, deslindar o homem*, diz Gay referindo-se à possibilidade inerente ao estudo estilístico de recuperar os graus afetivos pessoais e coletivos presentes em um trabalho histórico.

¹⁸ Como afirma Buescu: Um “[...] Conjunto de imagens que como qualquer imagem é um conjunto de representação, pressupõe o estabelecimento de uma série de postulados selectivos e, nessa medida, axiológicos, cuja própria existência não pode deixar de ser considerada como sendo, ela mesma, histórica.” (BUESCU, 1995, p.24). Isto é, os trópicos do discurso, além de garantirem a unidade do objeto, têm por trás de si a natureza de sua construção que por si só revela a historicidade daquilo que representa.

¹⁹ Roberto Acízelo de Souza explica em seu livro, *Introdução à historiografia da literatura brasileira*, como a literatura portuguesa nunca foi considerada totalmente estrangeira no Brasil, que sempre acolheu cidadãos lusitanos como Caminha dentro de sua galeria de escritores nacionais. SOUZA. Roberto Acízelo de. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

Essas descobertas são extremamente importantes na área da história da literatura já que um dos grandes impasses da sistematização dos dados literários é descobrir dentre binômios como tradição e inovação, individualidade e comunidade, estética e ética, aqueles que devem predominar e nortear as escolhas feitas pelo historiador. Após inúmeras conquistas teóricas atuais, sabe-se que qualquer projeto de historiografia literária é pautado pela personalidade de um indivíduo que produz uma visão particular, única de um processo já acontecido. Além disso, a apreensão totalitária da história, assim como a construção de um modelo analítico que esgote inteiramente determinado período literário, é impossível de ser feita e, por isso, deve ser suprimida das intenções finais do pesquisador. Onde começa e termina uma literatura nacional ou um período? Quais autores devem ser lidos? Em que ordem essa leitura deve ser feita? Todas essas são indagações de ordem subjetiva que mudam de um historiador para outro. Como então julgar as histórias da literatura seguindo um mínimo de coerência metodológica se cada texto histórico comportará traços definidos por uma consciência individual, e que foi modelado seguindo referentes históricos sociais? A investigação do estilo parece ajudar a sair desse impasse.

A mescla de ciência e arte (GAY, 1990, p.168) que confere ao texto histórico um caráter tanto narrativo quanto analítico é resultado das forças em duelo dentro dos recursos estilísticos utilizados por um historiador. Uma história da literatura pode ser mescla de arte (com uma contraparte científica digressiva) e ciência (cuja narratividade seria inerente ao próprio modelo). Mesmo as fronteiras entre os próprios textos literários e os históricos não são tão claras como poder-se-ia supor. Gay ilustra isso, ao demonstrar o caráter científico de trechos de Balzac, Thomas Mann ou Melville e ao defender o caráter simbólico e arbitrário da expressividade de Gibbon, Macaulay ou Burckhardt.

Sinteticamente, as utilíssimas reflexões de Gay colaboram para que possamos, por um lado, perceber que *A história, em suma, é inacabada no sentido de que o futuro sempre utiliza seu passado de novas maneiras.* (GAY, 1990, 191). Apesar disso, por outro lado, o teórico permite que tal constatação não desestimule o trabalho historiográfico, pois os mesmos procedimentos expressivos que nutrem cientificismo e esteticismo em um texto histórico permitem a identificação da natureza (dos conteúdos mais profundos) última de seu discurso.

Ora, se admitimos que nosso objeto constitui-se justamente de múltiplas realidades construídas intersubjetivamente em forma de discursos variáveis e parciais, ou seja, a união de objetividade relativa à subjetividade controlada, a investigação do estilo permite compreender os conceitos e as interpretações dos conceitos utilizados pelos historiadores. O resultado mais imediato de uma análise dessa natureza voltada para a história da literatura é a percepção dos diversos níveis entre o factual (inacessível) e o virtual (inutilizável) que preenche a fortuna reflexiva da historiografia literária nacional.

Sendo assim, nas próximas páginas tentaremos sistematizar alguns dos componentes mais relevantes do estilo de José Aderaldo Castello, suas escolhas metodológicas e cacoetes lingüísticos, com o intuito de capturar a substância bruta de suas reflexões. No caminho, alguns dos assuntos já citados surgirão em novas dimensões para serem mais detalhadamente explicitados.

Começamos pela organização de *A literatura brasileira: origens e unidade.* Toda a obra é dividida em capítulos e partes ou tópicos amplamente funcionais no que diz respeito a dar coerência ao modelo proposto pelo historiador. Logo na apresentação da obra nos deparamos com seu

“herói”²⁰. A identidade (e/ou unidade) da literatura brasileira que vai ser defendida e reafirmada durante todo o percurso do livro. Além disso, dentro das não mais que trinta páginas iniciais, Castello apresenta e sustenta definitivamente os demais verbetes que distinguirão sua proposta sistêmica. Essa disposição não é novidade em projetos dessa amplitude que tendem a estabelecer seus pressupostos essenciais na introdução de suas análises. Mas, o que diferencia a apresentação de Castello é a reiteração quase obsessiva de certas conclusões logo no início de seu texto.

Um exemplo é o termo “síntese”, sem dúvida alguma um dos conteúdos lexicais mais presentes durante todo o livro. Encontrado desde as funcionais categorias de autor-síntese e obra-síntese, até o objetivo final de amalgamar todas as distinções internas do sistema literário brasileiro e fazê-las convergir em núcleos que as unificam nos conceitos de nativismo, indianismo, brasileirismo, ou mesmo nos já gastos períodos literários (que aqui aparecem como tradicionalmente são concebidos). Castello não trabalha com rupturas, mas com progressão como resultado de coesão interna. Trabalha com elementos que caminham na mesma direção e adquirem feições semelhantes, compondo ao fim de seu curso um mesmo fenômeno.²¹

Dessa forma, não é estranho, por exemplo, o fato de Castello ignorar profundamente a produção literária surgida após a década de 50 no país. Movimentos de vanguarda como a poesia concreta ou o poema práxis, protagonistas de nossa literatura dessa década em diante, praticamente não são mencionados. Para os concretistas de São Paulo e para o movimento liderado por Mário Chamie, são reservadas menos de duas páginas que explicam ambos os movimentos. Sabemos que os dois projetos são complexos demais para serem adequadamente estudados em tão pouco espaço gráfico. Parece clara a omissão de uma análise mais atenta, afinal, como vincular, por exemplo, os conceitos introduzidos pelos concretistas que buscam nos ideogramas orientais, nos caligramas franceses e no cinema russo uma nova concepção de poesia visual, aos outros, vinculados à trilogia nativismo, indianismo/indigenismo, brasileirismo?²²

É obscuro também o período pré-moderno, ou “de acomodação” como intitulou Candido onde a heterogeneidade de escritores e estilos permite ao historiador apenas citar uma série de nomes um tanto quanto desconexos, como quem quer abandonar rapidamente a batata esquentando em suas mãos. Tal procedimento é somente um dos resultados em macro-escala do principal termo organizador do sistema de Castello: **síntese**.²³ Resumindo, o autor confia nesse único elemento lexical para sustentar a imagem conceitual principal de sua proposta sistêmica (sintetizar autores e obras no projeto da tríade nativismo-nacionalismo-brasilidade), o que influi diretamente no material literário eleito para sua história²⁴.

²⁰ Conforme o modelo de David Perkins, presente em *História da literatura e narração*. Trad. de Maria Ângela Aguiar. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, março de 1999. V. 3, n. 1.

²¹ Um exemplo dessa obsessão de encontrar uma literatura unitária é revelado em títulos como “A caminho da Unidade” (CASTELLO, 1999, p.129).

²² Para ilustrar como tais estratégias pululam por todo o projeto de Castello, cito dois exemplos: a tese sobre a unidade presente nas duas fases de Machado de Assis (CASTELLO, 1999, p.379); a afirmação que coloca José de Anchieta como inaugurador de uma forma literária sincrética que se acentuaria desde então na nossa formação” (CASTELLO, 1999, p. 65).

²³ Cabe lembrar que a temporalidade inerente ao objeto literário é contraditória (BUESCU, 1995, p.22). Sendo assim, o conceito de síntese (principalmente o de autor e obra) ajudaria a amenizar a discrepância entre um texto-homem e outro.

²⁴ Assim, Manuel Bandeira é visto como síntese de recursos românticos; Tasso da Silveira e Cecília Meireles são sínteses da experiência de seu período (ainda que Castello afirme que é impossível negar a diferença entre esses dois autores e nomes como Murilo Araújo, Francisco Karan e Algar Renault); entre outros exemplos.

Dessa maneira, a economia sintática de seu texto revela muito sobre suas intenções. Se dermos uma rápida analisada nas primeiras páginas do livro de Castello, perceberemos uma constante de todo seu projeto: frases curtas, enxutas, em geral compostas de três linhas, poucas vezes excedendo quatro. A escolha revela um autor conciso, obstinado em manter um estilo claro, que ressalte a clareza da própria explanação. Soma-se a isso o fato de o historiador recorrer a poucas metáforas explanatórias, atendo-se o mais próximo possível do nível denotativo.

Em comunhão a esses recursos temos o, por vezes excessivo, cacete das enumerações. O autor parece obcecado em dividir os conceitos trabalhados em vertentes e galhos na tentativa de aprofundar o conteúdo de um termo sem confundir sua raiz comum. É frequente durante todo o projeto a separação de períodos, obras, revistas, em categorias, camadas, gerações, geralmente enumerados por numerais ordinais que permitem que visualizemos a diversidade no mesmo (alguém aí falou em síntese?). Outrossim, o autor não se esquece de organizar muitas das principais reflexões que norteiam seu projeto no esquemático “Esquema geral das manifestações literárias do Período Colonial”, em que a sistematicidade do gráfico e da tabela é utilizada com o intuito de aclarar os preceitos citados.

Ainda no que concerne à estilística de *Literatura brasileira: origens e Unidade*, é fundamental notarmos como o projeto se organiza como um todo coeso (no que diz respeito a sua fabulação). Após ter definidos os primeiros conceitos com os quais Castello sustenta a substancialidade da literatura brasileira, a saber, os conceitos de “Identidade”, “homem/terra (influxos externos e internos)”, o historiador define página a página o elenco de obras e autores que exemplificam e comprovam seu construto exegético durante os dois volumes de seu trabalho. Entretanto, com muita inteligência, Castello encerra *A literatura Brasileira: origens e unidade*, volume II, com suas “Reconsiderações Gerais”, isto é, um capítulo inteiro com o único intuito de reiterar as categorias propostas pelo teórico durante todo o projeto. Castello mostra-se consciente dos fundamentos centrais de seu enredo e defende mais uma vez suas convicções, agora após ter apresentado sua formulação canônica. Fazendo isso, o teórico confere ao seu projeto uma formatação cíclica que morde o próprio rabo, relembrando ao leitor de seus preceitos básicos defendidos com ênfase no início e término do texto.

Não se pode deixar de comentar que o estilo de Castello produz outros resultados muito satisfatórios como os comentários em rodapé que além de contribuir para a clareza e nitidez do texto, demonstram a erudição do historiador, visível através das citações e exemplos. A preocupação com a pesquisa é uma constante nessa história da literatura que termina com preciosas indicações feitas por Castello indicando onde e o que estudar sobre determinado período.

3 – “Onde está o sabiá?” Ou, a construção do cânone de Castello

José Aderaldo Castello, ao construir seu cânone, não vai muito além do que já fizeram seus predecessores. Assim, os nomes de tradicional relevo em nossa historiografia literária são também aqueles que se destacam na seleção feita pelo historiador. Entretanto, algumas diferenças são interessantes dentro do projeto de Castello, à medida que ajudam a diferenciar sensivelmente seu elenco dos de seus precedentes. Um exemplo é o marco inicial da literatura brasileira, identificada aqui ainda no Barroco na figura de José de Anchieta. A escolha desse marco inicial é explicada, já que Castello vê em José de Anchieta a *síntese representativa do nosso século XVI ao tentar harmonizar o universo de origem do colonizador com o universo conquistado ao ser colonizado* (CASTELLO, 1999, p.54). O historiador acrescenta ainda que [...] *a criação literária de Anchieta prenuncia a harmonização dos valores adventícios com os autóctones* (CASTELLO, 1999, p. 90).

Além disso, a Companhia de Jesus como um todo teria a função de irradiar e possibilitar a inter-relação entre os influxos internos e externos formadores de nossa cultura. Nesse sentido, a escolha do católico literato para ponto zero de nossa literatura está intimamente ligada à coerência da estrutura metodológica do livro, pois foi com Anchieta que pela primeira vez tivemos a semente da brasilidade que germinará numa literatura distinta das européias.

Dentro do elenco literário de Castello são centrais os autores e obras eleitos pelo historiador como sintéticos dos diversos períodos da literatura brasileira. Esses nascem da crença do historiador de que existiram textos e escritores que, através de sua especificidade, resumiram as principais tendências estético-temáticas de um período. Obviamente essa escolha ocasiona uma série de problemas de ordem crítica. A mais óbvia percebe-se, por exemplo, na decisão de anunciar Guimarães Rosa como sujeito sintético de seu tempo. Tal assertiva é, no mínimo, estranha vista a distância por vezes abismal entre a obra do prosador mineiro e de seus colegas de 40.

E como resumir o século XIX inteiro nas figuras de José de Alencar e Machado de Assis? Como provar empiricamente que para os dois convergem as propostas de um Franklin Távora (e seu projeto tão particular de literatura nortista), de um Aluísio Azevedo, de Taunay ou de Manuel Antonio de Almeida, todos tão singulares? Muitas das obras analisadas são escolhidas pela capacidade de corroborar com o clima unificador da história de Castello como a “brasilidade” de Bandeira (CASTELLO, 1999, p.134), de Mario de Andrade (CASTELLO, 1999, p. 202), ou de Guilherme de Almeida (CASTELLO, 1999 p.167 vol. 2), ou mesmo a figura de Lobato que é reduzida apenas ao que renunciou de Modernismo. Já que tocamos nesse ponto, é necessário dizer que a *História da literatura Brasileira: origens e unidade* traz em sua construção o mote acadêmico que mede nossa literatura a partir das conquistas da Semana de Arte Moderna de 1922.

Outra escolha essencialmente tendenciosa para o modelo proposto diz respeito à apresentação das inúmeras “canções do exílio” escritas pelos modernos, o que prova a importância de uma certa tradição que molda coerentemente os contornos de nosso sistema literário. Através de temas como este da árvore e do pássaro é que reconhecemos uma literatura proveniente de um mesmo solo, fértil em imagens que preenchem o inconsciente cultural de seu povo. Entretanto, é interessante notar que durante o primeiro volume (que trata de Gonçalves Dias) o célebre poema do autor romântico sequer é mencionado. Isso mesmo, não há nenhuma referência à canção gonçalvina no capítulo sobre os poetas do Oitocentos. Tal fato explicita a necessidade de Castello em qualificar o Modernismo como o grande equacionador de nossas melhores conquistas. Considerado aqui nosso genuíno e feroz grito de independência cultural. Até um esquisito “sentimento pátrio” de Vinicius de Moraes é selecionado como relevante em sua obra, o que, segundo Castello, dialogaria com Manuel Botelho de Oliveira e Frei Manuel Itaparica.

É certo que em vários momentos a intenção unívoca do autor permite associações inteligentes, e que realmente demonstram a criação de vínculos internos entre nossos escritores e sua importância para nossa produção escrita. Exemplo disso é a percepção de uma linhagem machadiana em nossa literatura composta por Graciliano Ramos, Drummond, Cyro dos Anjos, Lygia Fagundes Telles e Murilo Rubião, ou a associação de *O tempo e o vento*, de Erico Veríssimo, com os empreendimentos clássicos em nossa literatura de “penetração” e “desbravamento”, pertencentes ao cearense José de Alencar ou ao baiano Jorge Amado. (CASTELLO, 1999, p. 330)

Importante também é o resgate feito pelo autor de alguns gêneros e vertentes de nossa literatura por vezes esquecidos nos empreendimentos historiográficos. A de maior importância é o resgate de nossa produção acadêmica o que se estende à produção de revistas voltadas para a

literatura.²⁵ Certamente o momento mais impressionante dessa recuperação consta na análise que o autor faz do período árcade, prolífico na criação de academias e publicação de revistas. Castello as considera importantes como meio de difusão intelectual de nossa cultura, como preservação do folclore, instauração do espírito crítico e científico em nossa produção literária, entre outras contribuições importantes para a consolidação de nosso sistema literário. É ainda certamente nesse momento de seu texto, dedicado aos árcades, que Castello apresenta algumas inovações no que concerne ao cânone rotineiro das histórias da literatura brasileira. Pode-se citar, além das considerações sobre as revistas e academias, a *Fábula do Ribeirão do Carmo* ou a análise mais atenta de *Vila Rica*.

Outro resgate de valor confere um espaço específico para analisar a gênese e o desenvolvimento dos gêneros crônica e memorialístico entre nós. A deixa é dada pelo amplo número de escritores que passam a produzir esses gêneros, dedicando a eles toda ou parte de sua obra, e que permitem que Castello discuta o percurso dos referidos gêneros e seu sustentável passado na literatura brasileira. Quanto ao primeiro, Castello tenta definir os traços gerais das produções de nossos cronistas, organizando sinteticamente seus principais temas, realçando o “sabor autobiográfico” de nossos melhores autores de crônicas (CASTELLO, 1999, p. 379).

Quanto ao gênero memorialístico, Castello apresenta primeiro seus precursores (José de Alencar, Joaquim Nabuco e Graça Aranha) para chegar aos trabalhos de Pedro Nava ou às experiências de Graciliano Ramos. Aqui é interessante notar que o autor defende a inclusão, dentre os autores do gênero, do romancista José Lins do Rego, instigando a discussão sobre os subgêneros, uma vez que a obra do escritor paraibano, geralmente é encarada como romance de profunda inspiração biográfica, e não necessariamente como fabulação de episódios realmente vividos (como acontece em *Memórias do cárcere*).

Outro recurso fundamental utilizado por Castello, recurso esse que poderia estar presente no tópico em que falamos sobre seu estilo, mas que aparece aqui para que possamos explicitar seu caráter funcional, é o uso do “espaço em branco” da página. Isto é, a composição de figuras, fotos e imagens de diversa natureza ao longo de todo seu trabalho. Essencialmente arbitrárias, elas ajudam (e muito) o historiador não apenas a organizar o percurso temático de seu texto, como a nivelar os elementos para si relevantes (já na capa dos dois volumes podemos ver essa estratégia nas imagens selecionadas).

Uma rápida folheada desinteressada nas páginas do primeiro livro permite a visualização da carta de Caminha manuscrita, de “Joseph de Anchieta”, de um retrato de Tomás Antonio Gonzaga e da capa original de sua *Marília de Dirceu*, de Castro Alves, Visconde de Taunay e, claro, fica fácil prever, Olavo Bilac, Machado de Assis, entre outros. Machado de Assis não apenas encerra o primeiro volume (José Veríssimo fazendo escola), como também tem duas páginas inteiras de imagens, uma com seu rosto, outra com a capa de *O alienista*. Deixemos as conclusões para depois e demos uma folheada no segundo volume.

Podemos ver a capa da revista modernista “Klaxon”, a capa da primeira edição de *Losango cáqui*, a capa da “Revista de antropofagia”, fotos de José Lins do Rego, ilustração de Santa Rosa para livro de Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Raquel de Queiroz, a capa de *Baú de ossos*, de Pedro Nava, entre outros. Ora, fica clara a função realçadora dessas imagens. A condição reforçadora que elas adquirem conforme absorvemos sincreticamente, entre palavra e imagem, seu

²⁵ Já Ferdinand Deis insistia na importância das revistas e jornais.

conteúdo página a página. Todas as imagens, apresentadas em fotos, fac-símiles, ilustrações, pinturas, compõem o grande cânone de Castello paralelamente às escolhas feitas durante seu texto. Dessa forma, a colagem imagética compõe a história em um outro nível, trabalhando com a memória visual do leitor, apresentando através da linguagem pictórica/fotográfica os autores e livros que devem ser lidos e que são mais relevantes.

Em síntese, *A literatura brasileira: origens e unidade*, de José Aderaldo Castello, é texto imprescindível para os estudantes de literatura brasileira. A seriedade da pesquisa somada ao brilhantismo de algumas análises lhe garantem futuro promissor em nossas estantes de consulta. Entretanto, analisando sua composição, notamos que o historiador parece confiar demais nos conceitos que escolheu como sustentáculo de suas análises. Algumas escolhas (muitas vistas anteriormente) parecem problemáticas, o que talvez ainda garanta discussões acerca de seu conteúdo.

Apenas como contribuição para as futuras pesquisas, talvez seja interessante averiguar algumas omissões como a falta de uma análise apurada de alguns textos, o qual *Serafim Ponte-Grande* é um exemplo emblemático, ou o reduzido número de autores e obras pós década de cinquenta do século XX. Entretanto, apesar do enfoque tradicional, o autor inova em alguns itens, como ao dar relevância à escolha de imagens o que amplia os horizontes de projetos historiográficos atuais que buscam novas estratégias para representar os dados do passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUESCU, Helena Carvalhão. Gravitações: Literatura Comparada e história da literatura. In: __. *A lua, a literatura e o mundo*. Lisboa: Cosmos, 1995, p.17 – 31.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- GAY, Peter. *O estilo na história*, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- PERKINS, David. História da literatura e narração. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, mar. 1999. Série Traduções.
- SCHMIDT, Siegfried J. Sobre a escrita de histórias da literatura. In: OLINTO, Heidrun Krieger (Org.). *Histórias da literatura. As novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.
- SOUZA. Roberto Acízelo de. *Introdução à historiografia da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.